



<p><b>Sábado</b></p> <p>07-11-2019</p>	<p><b>Periodicidade:</b> Semanal</p>	<p><b>Temática:</b> Justiça</p>
	<p><b>Classe:</b> Informação Geral</p>	<p><b>Dimensão:</b> 4838 cm<sup>2</sup></p>
	<p><b>Âmbito:</b> Nacional</p>	<p><b>Imagem:</b> S/Cor</p>
	<p><b>Tiragem:</b> 116250</p>	<p><b>Página (s):</b> 62 a 69</p>

**S** SÁBADO Investigação

**EXCLUSIVO. ENTREVISTA A FREDERICO CARVALHÃO GIL**

# ESPIÃO CONTA TUDO À SÁBADO



*“O Neiva da Cruz [diretor do SIS] pediu-me para entrar na maçonaria. Eu apadrinhei-o e até lhe paguei algumas quotas no Grande Oriente Lusitano”*

**Sábado**

07-11-2019

**Periodicidade:** Semanal

**Classe:** Informação Geral

**Âmbito:** Nacional

**Tiragem:** 116250

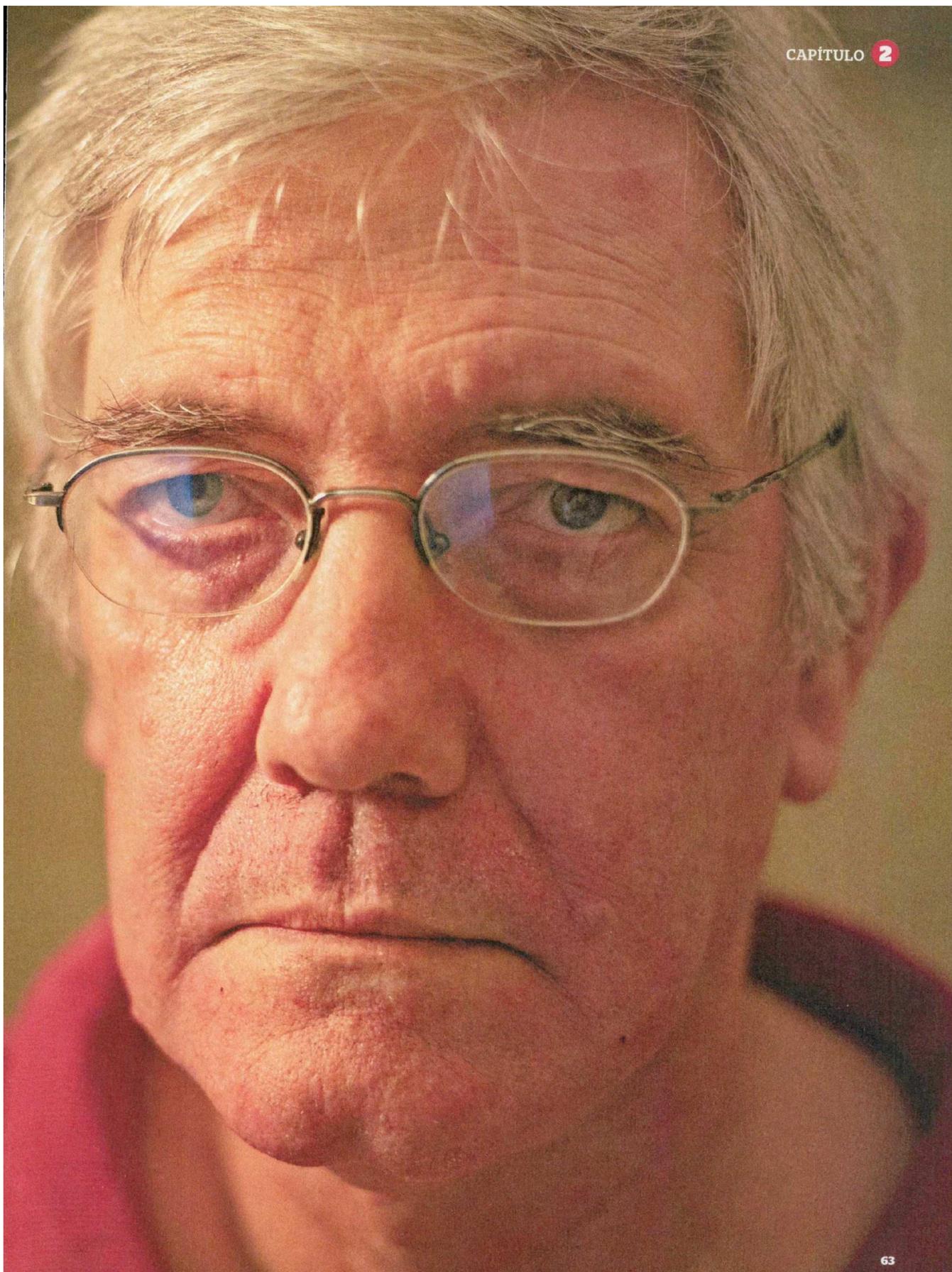
**Temática:** Justiça

**Dimensão:** 4838 cm<sup>2</sup>

**Imagem:** S/Cor

**Página (s):** 62 a 69

CAPÍTULO 2



Sábado

07-11-2019

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Justiça

Dimensão: 4838 cm<sup>2</sup>

Imagem: S/Cor

Página (s): 62 a 69



O ex-agente garante que não foi recrutado pelos russos e que nunca escreveu uma carta à embaixada russa em Lisboa a oferecer-se como colaborador. Salaria que vai recorrer para o Tribunal Europeu dos Direitos do Homem e acusa os antigos chefes e o tribunal que o julgou de mentirem. Sobre a maçonaria, lembra a relação com o Irmão Neiva da Cruz, o diretor do SIS. E como isso terá sido escondido pela PJ.

Por **António José Vilela e João Cortesão** (fotos)

**T**em 60 anos e já pediu a reforma. Há muito que dava como inevitável a exoneração da Função Pública devido ao processo disciplinar que o visou no Serviço de Informações de Segurança (SIS). Mas não nos termos e com o tom usado pelo instrutor, um procurador-geral adjunto. Está há mais de três anos detido em casa, não gosta muito de futebol, mas é do Benfica. Para ele, os filmes de Werner Fassbinder são o melhor que há. Já tentou ler António Lobo Antunes e Saramago e não gostou. Gosta mais de clássicos: Ernest Hemingway, Eça de Queiroz, e dos russos Tolstói e Alexandre Pushkin. É um homem que reclama inocência, até no Facebook, onde está a publicar partes do processo que o condenou a sete anos e três meses de cadeia por corrupção. Sobretudo por vender documentos a um alegado espião russo.

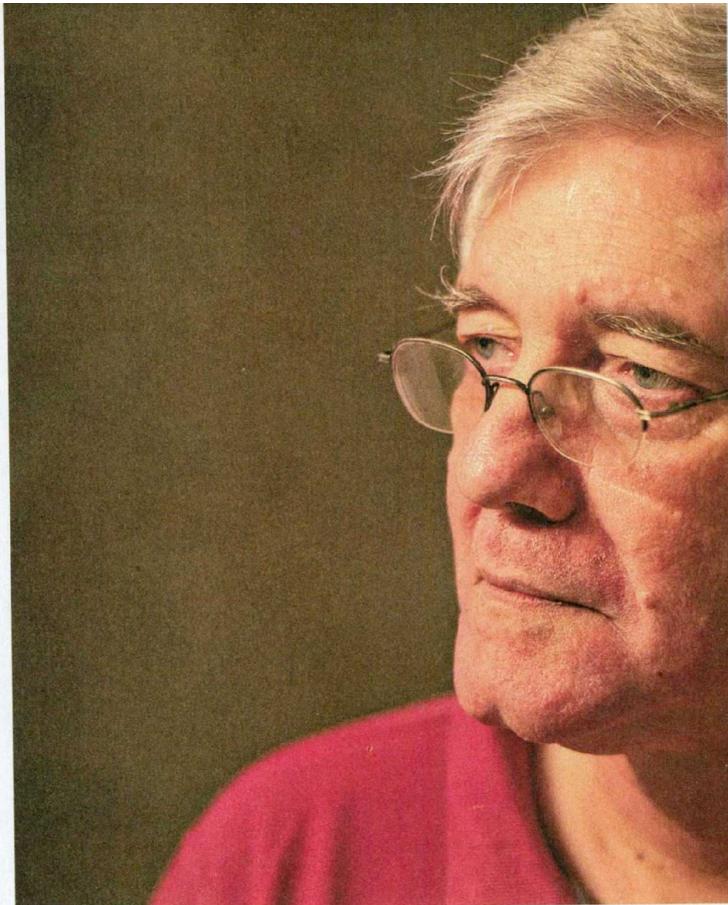
**“Nunca recebi dinheiro de espiões russos. A propósito de dinheiro e de Estados, para além do português, só recebi dinheiro do Tio Sam”**

**O Carvalhão Gil foi ou não recrutado pelos serviços secretos russos, o SVR?**  
Claro que não.

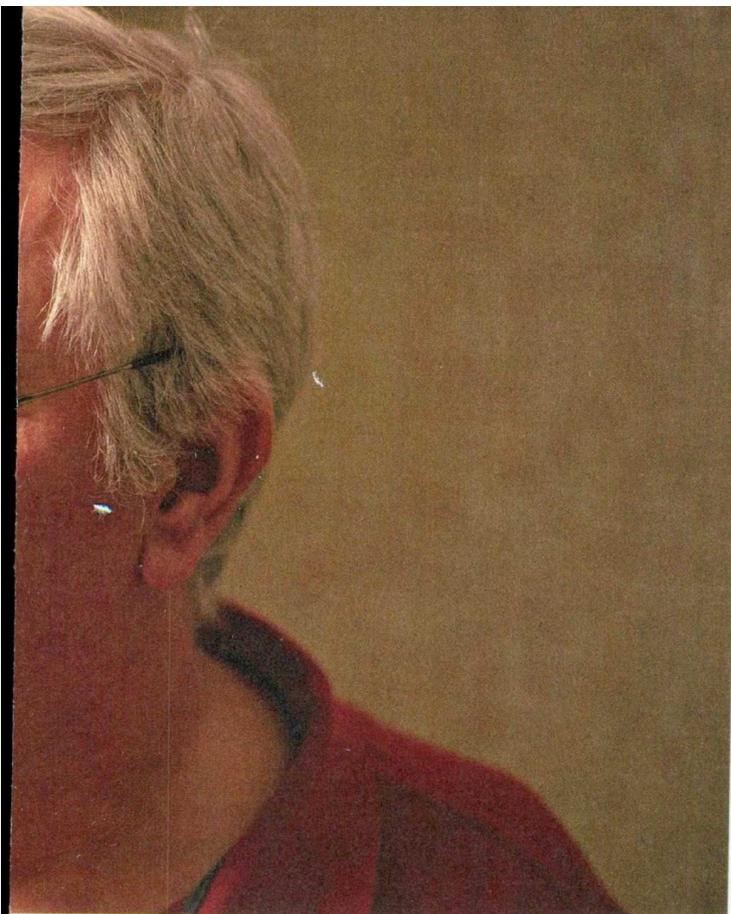
**Uma das primeiras informações que está no processo garante que isso aconteceu antes de 2010. E que fez mais de 30 viagens para vender ou entregar segredos a**

**espiões russos em Marrocos, Suíça, Eslovénia e por aí adiante.**

Viagens fiz, mas nem todas as que estão no processo. Nunca recebi dinheiro de espiões russos. Gostava de acrescentar que, a propósito de dinheiro e de Estados, para além do português, só recebi dinheiro do Tio Sam. E digo Tio Sam porque no estágio que fiz na Virgínia, uma das frases que mais ouvia dos formadores era: “No problem. Tio Sam paga.” E os três primeiros cursos do SIS, os grupos que foram estagiar nos Estados Unidos receberam 1.000 dólares dos norte-americanos. No meu curso, em concreto, recebemos primeiro 100 dólares na sala de formação do SIS em Lisboa na véspera de fazermos o voo e, na segunda-feira, no primeiro dia do curso nos EUA – estávamos todos sentadinhos na sala de formação, incluindo o dirigente que nos acompanhava – lá veio o envelope. O dos formandos tinha 900 dólares. E também recebi valores dos EUA em Garmisch, no George Marshall Center for Security Studies, como aliás todas as pessoas, quer do meu Serviço, quer de outros serviços do Estado português, seja das Forças Ar-



**“É evidente que se eu fosse um espião russo, já não estava aqui, porque não seria difícil fugir”**



**1**  
**“Há uns anos já tinha tido a ideia de fazer um negócio de café com a Geórgia”**

As justificações que o Carvalhão Gil deu para justificar o pagamento parecem pouco credíveis. Aliás, tanto o MP como o tribunal deixaram sempre no ar que o negócio de azeite ou de cavalos era uma espécie de história para anjinhos acreditarem.

Eu obviamente não digo que o sujeito russo fosse ou não espião. Só sei que na relação que tive com ele – nos três contactos pessoais e através de chamadas no WhatsApp – não percecionei nada que me dissesse que estaria a contactar alguém que não fosse um cidadão russo que fazia negócios. Há uns anos já tinha tido a ideia de fazer um negócio de café para a Geórgia, que acabou por não se concretizar porque o mercado estava completamente ocupado pela Lavazza. Cheguei a levar lá ao representante da Lavazza o café Delta e ele ficou com receio que eu tivesse uma máquina com poder económico para competir com ele.

**1**  
**Processo**  
 No fim do mês passado, Carvalhão Gil fez uma participação-crime ao Ministério Público. Alega que vários inspetores da PJ que o investigaram prestaram declarações falsas durante o julgamento

**Vários responsáveis do SIS foram dizer ao processo que suspeitavam há anos da existência de uma toupeira no SIS que estaria a avisar os russos de várias operações, impedindo até o SIS de chegar a esses alvos russos. E referiram até a existência de várias operações falhadas.**

Eu estava colocado no contraterrorismo islâmico no Cáucaso, mas não sabia de operações de contraespionagem. E no processo não foi apresentado qualquer exemplo dessas operações falhadas. No SIS ninguém falaria de qualquer operação. As pessoas da vigilância não andam a anunciar isso, seria ridículo.

**O espião russo nunca mais o contactou?**  
 O dito espião [risos]. Não, não.

**1**  
**“Eu tinha fotos, como tem toda a gente lá dentro, no SIS. Era normal”**

**Ninguém veio cá a casa salvá-lo ou tentaram levá-lo para a Rússia?**

Não vieram, não [risos]. É evidente que se eu fosse um espião russo, já não estava aqui, porque não seria difícil fugir. E se os russos me quisessem levar, levavam. A minha morada consta no processo.

madas, seja do Ministério dos Negócios Estrangeiros, do SEF ou da PJ.

**Mas a PJ garante que os seus contactos com os espiões russos eram feitos de forma codificada por email e por WhatsApp. Foram encontradas estas mensagens?**

Não, isso é falso. E não há no processo nenhuma dessas mensagens. Nunca houve.

**A PJ e o MP apreenderam-lhe 34 mil euros em dinheiro com o argumento de que o sr. recebeu isso por vender segredos do SIS.** Mais uma loucura. No processo ficou provado que esse dinheiro nada tem a ver com corrupção. O tribunal mandou devolver-me o dinheiro e isso só não aconteceu ainda porque o caso não transitou em julgado. Como eu tenho recorrido da decisão de condenação...

**Pois, mas no processo ficou também provado que recebeu de um russo um envelope com 10 mil euros em notas de 100 euros. E que até assinou um papel que foi apreendido durante a sua deten-**

**ção em Itália – o sr. assinou “Frederico”. Porque é que fez isso?** Ele deu-me dinheiro e eu assinei aquilo. Era um negócio.

**Um negócio de azeite, como justificou no tribunal, faz-se assim? Sem contrato, com um papel solto e um envelope com dinheiro?** É um contrato informal para um pequeno negócio.

**Pois, mas também pode ser encajado – como fizeram os tribunais que o condenaram – como um pagamento de um espião a um espião renegado para transmissão de informação? Não é assim que é feito nos serviços secretos?** Em Portugal, recibos? Não conheço e tive várias fontes pagas. Nunca assinaram nada. Nem sequer internamente no SIS há esse controlo quando está em causa dinheiro especialmente classificado. Nas minhas fontes e nas fontes de unidades que eu coordenei ao longo dos anos, isso nunca aconteceu, não se exigiam recibos.

**A secreta russa quis recibo?** [Risos] Não sei.

**S1 SÁBADO Investigação**

**A sua mulher, que é georgiana, não vive consigo, pois não?**  
 Não, está na Geórgia. Ela teve grandes dificuldades em adaptar-se a Portugal. Era funcionária de análises clínicas e nunca mais cá veio desde que estou detido em casa.

**No processo-crime é dito que o Carvalho Gil fotografava colegas nos Serviços dando-se a entender que esse procedimento seria para alimentar os serviços secretos russos.**

Eu tinha fotos, como tem toda a gente lá dentro, no SIS. Era normal. Havia até fotos que fazíamos no exterior quando íamos, por exemplo, a ações de formação nos EUA, a instituições controladas pela CIA. Aliás, até eram eles que nos tiravam as fotos e depois nos davam cópias. Em jantares de despedida solenes, lá estamos nós com agentes da CIA. Isso é negligência? Se calhar é, mas todos o fazem.

**No processo é sempre dito que isso fazia parte do modus operandi do espião traidor Carvalho Gil. E que o sr. se corrompeu porque tinha grandes dificuldades finan-**

**“Eu nunca estive em dificuldades financeiras. Às vezes, o dinheiro não dá para tudo, mas tive sempre algum guardado”**

**“Isso é uma loucura, nunca escrevi qualquer carta à embaixada russa”**

**ceiras. Os investigadores dizem que teria até escrito uma carta à embaixada da Rússia em Lisboa a oferecer-se como colaborador.** [Risos longos] Isso é uma loucura, nunca escrevi qualquer carta à embaixada russa. Eu nunca estive em dificuldades financeiras. Às vezes, o dinheiro não dá para tudo, mas tive sempre algum guardado. Até tinha certificados de aforro. O dr. Gil Vicente chegou a referir que alguém lhe disse – é sempre alguém – que eu cheguei a viver num quarto por volta de 2010, que é a altura que diziam no processo que me corrompi. Eu vivia no Restelo nessa altura. De facto, em 1995, quando me separei vivi num quarto durante uma semana. Mas um quarto do hotel Ibis, na José Malhoa [risos] e foi até arranjar uma casa [risos].

**Ficou provado no processo que o sr. vendeu documentos a um espião russo e que ainda tinha mais documentos na mochila.** Repito: eu não vendi nada. Oiça, as autoridades dizem que eu tinha a intenção de entregar também mais documentos ao russo. Ora bem, se eu tivesse essa intenção, os docu-



mentos teriam passado para as mãos do sujeito. A polícia teve todo o tempo para fazer a operação em Itália – eles reconhecem isso no relato daquela diligência –, e eu já tinha recebido os 10 mil euros. Isto tem algum sentido?

**Mas não é no mínimo estranho que num encontro em Itália o Carvalho Gil desate a escrever num papel o nome de (ex) diretores do SIS como Daniel Sanches e Gil Vicente, da mulher deste último, a espia Helena Rego, de um ex-ministro como Dias Loureiro e de um amigo deste e também seu, o empresário Alberto Toscano? E que depois o russo que está à sua frente, segundo a sua versão, a negociar azeite, fique com o papel?**

Quando prestei declarações ao juiz de instrução falei só do negócio do azeite. Disse-lhe que o russo me deu 10 mil euros para poder avançar e, só durante a conversa em Roma, é que a coisa se encaminhou para os cavalos. Antes de viajar, tinham-me dito que o dr. Gil Vicente tinha ido a Marrocos ver uma exposição de cavalos, aquilo foi conversa de café e...

**Mas você vai escrever o nome do número 2 do SIS num papel? E de**

**A Loja Europa**  
 Antes de passar para esta loja, Neiva da Cruz foi iniciado na Loja Liberdade Livre. Carvalho Gil tratou de tudo a pedido do amigo-espião

**Adélio Neiva da Cruz**

**O Companheiro**  
 A 27 de fevereiro de 2009 foi feito o ritual maçónico secreto que elevou o maçom Neiva da Cruz ao segundo grau da maçonaria

**Rodrigues Sampaio**  
 Este foi o nome simbólico escolhido no GOL por Neiva da Cruz. Trata-se de um jornalista e político liberal do século XIX. Um revolucionário que ficou conhecido como “o Sampaio da Revolução”

Sábado

07-11-2019

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

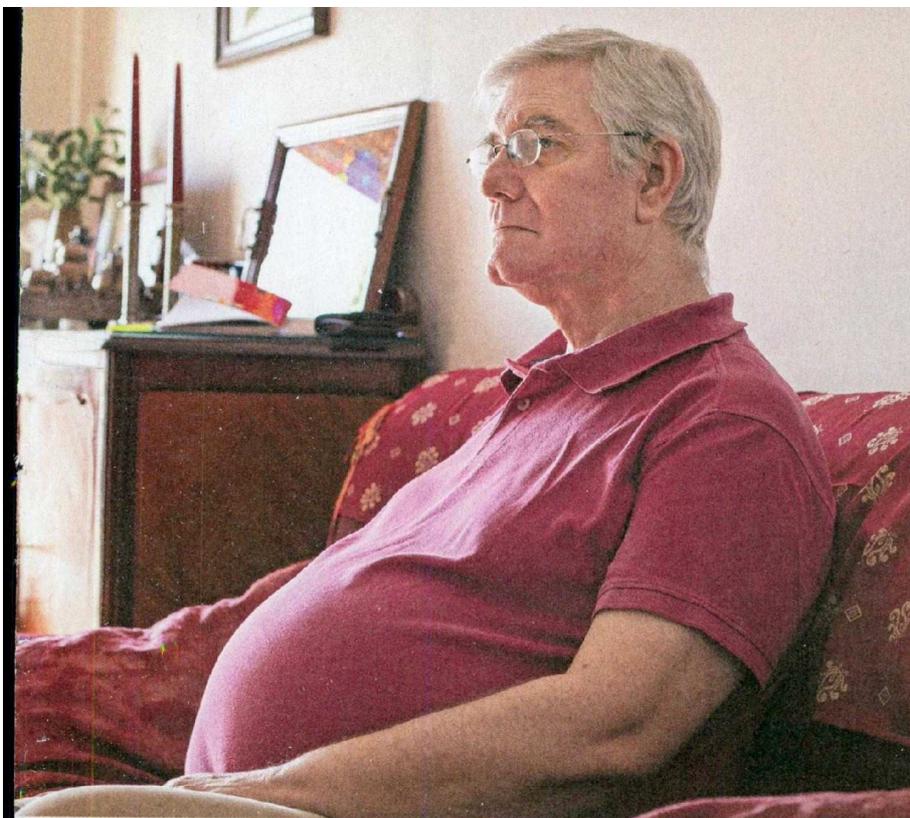
Tiragem: 116250

Temática: Justiça

Dimensão: 4838 cm<sup>2</sup>

Imagem: S/Cor

Página (s): 62 a 69



**“É verdade, a Maria João Coelho [diretora da Contraespionagem do SIS] é da maçonaria feminina”**

**um ministro que foi dirigente do SIS?**

[Risos] Mas foi assim.

**No processo, vários dirigentes do SIS testemunharam e não foram nada meigos consigo. O diretor-geral Neiva da Cruz, o diretor-adjunto Gil Vicente, a diretora da Contraespionagem Maria João Coelho. Como é que se justifica que algumas dessas pessoas tenham também sido nomeadas peritos?**

O facto de serem nomeados peritos mostra, antes de mais, como o aparelho judicial português desceu ao grau zero da credibilidade e proibição, não havendo reações do sistema a este tipo de desvios de alguns dos seus membros. Pelo contrário, o Tribunal da Relação de Lisboa, mettendo os pés pelas mãos, ainda tentou legitimar essa nomeação de gente que foi parte no processo. É que ambos são funcionários do organismo do Estado integrados no Sistema de Informações da República que fez a queixa (foi o secretário-geral do SIRP, embora a representação externa seja da competência do diretor do SIS) e porque são hierarquicamente dependentes de quem decidiu fazer a queixa, segundo disse em tribunal, o Neiva da Cruz. Mas quanto ao dr.

**Maçonaria**

Carvalho Gil adotou o nome simbólico de “Machado dos Santos”, um chefe da Carbonária que fez cair a monarquia em 1910. Acabou mais tarde fuzilado, aos 46 anos, por fazer mais um golpe, desta vez contra a República

Gil Vicente ainda há a acrescentar que o Ministério Público, os drs. João Melo e Vítor Magalhães [procuradores do processo] enviaram no processo um ofício ao dr. Gil Vicente em que o consideraram parte, ele próprio, por causa de o nome dele estar naquele papel. Não perceberam que o Estado de Direito significa antes de tudo, primariamente, que o Estado está submetido à Lei e julgam que a lei e o direito são as suas opiniões e mundividências subjetivas, desde que se protejam uns aos outros os disparates que vão consolidando.

**O que está a dizer é que foram peritos em causa própria?**

Claro. Mas o estranho é que depois o tribunal de primeira instância escolheu o que dava jeito dos testemunhos. O dr. Gil Vicente reconheceu que no manuscrito que escrevi não havia nenhuma informação em segredo de Estado e o tribunal não ligou nenhuma. Já a Maria João conseguiu falar de tudo no tribunal, menos reconhecer o documento para o qual foi nomeada como perita. Por duas vezes, pelo menos, questionada pelos juizes, não conseguiu sequer identificar o documento. Houve até uma grande encenação sobre o segredo de Estado. Por exemplo, a Maria João chegou a dizer que era dirigente do SIS há 10 anos, mas que achava que não podia dizer de que departamento. Só que na gravação da sessão ouve-se bem o juiz adjunto a sussurrar para a presidente explicando que se tratava do “departamento que nos atribuiu o grau”. Ou seja, alguém informou o tribunal onde ela trabalhava. Uma coisa que parece ter acontecido muito neste processo: segredos de polichinelo. Pois se tudo é um grande segredo porque é que a Maria João já apareceu identificada em colóquios públicos patrocinados por empresas multinacionais? (mostra ao jornalista uma foto do evento num site em que a espia está identificada com um cartão em cima da mesa a dizer “Serviço de Informações de Segurança”). O segredo de Estado só vale às vezes.

**Acha que o tribunal sabia outras coisas desse tipo, que alguém os informou? Isso não será ir lon-** **o**

Sábado

07-11-2019

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Justiça

Dimensão: 4838 cm<sup>2</sup>

Imagem: S/Cor

Página (s): 62 a 69

**S** SABADO Investigação

**Ge demais numa teoria da conspiração?**

Eu tenho a convicção de que esses contactos existiram com algum dos membros do coletivo. E que eles também viram informalmente o documento manuscrito que diziam ser segredo de Estado. E vou-lhe dizer porquê: aquilo era só uma folha de papel, mas quando os italianos mandaram uma cópia autenticada acabaram por colocar o documento em duas páginas e a juíza-presidente andou sempre a falar na sessão em dois documentos.

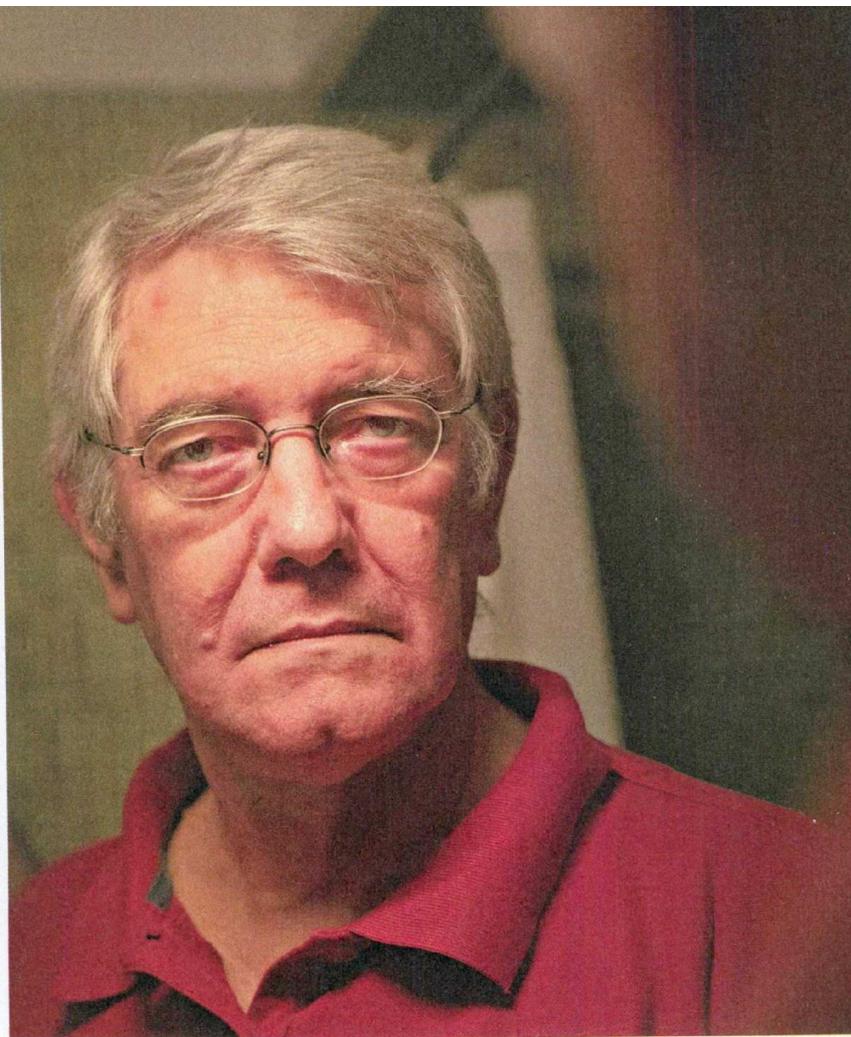
**Se tivesse de qualificar o comportamento que pessoas como o diretor-adjunto Gil Vicente tiveram neste processo, o que é que diria?**

A generalidade de pessoas como ele, que tiveram intervenção neste caso ora como peritos ora como testemunhas, mostraram que não têm coluna vertebral. Em várias ocasiões, ele mentiu descaradamente e depois refugiou-se no que lhe disseram para me descredibilizar e dar sentido a toda aquela teoria que estava no início no processo.

**O seu advogado, António Preto, chegou a perguntar no tribunal a Gil Vicente quais os dados que existiam sobre ele no Servidor S, o sistema informático paralelo que o Carvalhão Gil diz que serve para guardar dados ilegais e iludir a fiscalização. Lembra-se deste episódio?**

Sim, perguntou e tenho aqui a resposta nas minhas notas [pausa para procurar num caderno]. Ele respondeu: "... não posso falar de servidores, portanto nem lhe posso sequer confirmar que exista um servidor com essa designação, mas sobre vossa excelência não tenho nenhum problema em dizer-lhe que eu, que é a mim que está a fazer essa pergunta, não tenho conhecimento de qualquer elemento sobre o sr. dr. em qualquer base do Serviço."

Já falámos muito sobre isso [ver Capítulo I], mas quando no tribunal falou do Servidor S do SIS e de outras alegadas ilegalidades, o que é que os juizes fizeram?



Nada. Ouviram. Só isso.

**Não enviaram isso para ser investigado pelo Ministério Público? Afinal, o sr. relatou ilegalidades. Pois, eles ouviram apenas.**

**Hoje, nos serviços secretos portugueses, o caso de Carvalhão Gil é dado como exemplo de como se consegue apanhar agentes traidores. Tem algum comentário?**  
Mas são tudo fantasias [risos]. Se eles quiseram capitalizar a situação para outras coisas, enfim. O próprio diretor-geral [Neiva da Cruz] foi dizer que tudo isto acabou por ser benefício para o Serviço.

**O diretor-geral que era seu amigo, certo?**  
Julgava eu [risos].

**E eram amigos há muito tempo?**  
Eu conheci-o quando ele entrou

**“Sim, paguei algumas contas da maçonaria ao Neiva da Cruz. Ele depois pagou-me [risos]”**

**“Vou continuar a lutar para provar a minha inocência. Só acredito na defesa no estrangeiro”**

Sábado

07-11-2019

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 116250

Temática: Justiça

Dimensão: 4838 cm<sup>2</sup>

Imagem: S/Cor

Página (s): 62 a 69

para o Serviço. Ele era do 3º curso, foi para a pesquisa onde eu estava na altura. O outro coordenador da pesquisa era mais antigo, mas estava numa formação no estrangeiro e, por isso, coube-me a mim recebê-lo.

**Quem ouviu as declarações de Neiva da Cruz no tribunal (e eu ouvi) fica com a sensação de que a vossa proximidade não era tanta assim ao longo dos anos.**

Mesmo quando ele foi para o SIED ou esteve colocado em Espanha, nós almoçávamos com alguma regularidade. Lembro-me perfeitamente de o fazermos, apesar de não sermos visita de casa. Mas ele foi dizer no tribunal que eu sabia muito da Federação Russa, quando ele sabia perfeitamente que eu sempre fui especialista em África, África e África.

**As vigilâncias da PJ foram tão apertadas que até o apanharam a ir a sessões maçónicas no Grande Oriente Lusitano (GOL). No processo ficou alguma, pouca, informação sobre isso e uma pequena referência a Neiva da Cruz, o diretor do SIS, o seu Irmão maçom de que já falou.**

Pois, acho que a PJ teve cuidado porque não convinha expor o Neiva da Cruz. Por exemplo, fui eu que apadrinhei o Neiva da Cruz na entrada na maçonaria [no Grande Oriente Lusitano, a mais antiga e poderosa corrente maçónica portuguesa]. Aliás, foi ele que me pediu para entrar e eu achei que o podia fazer. E fi-lo, mesmo tendo muita resistência no início [Neiva acabou por entrar não na loja de Carvalhão Gil, a Delta, mas na Liberdade Livre e o padrinho oficial não foi Carvalhão, apesar de ser ele a abrir as portas para isso].

**Havia maçons que se opunham?**

Sim, não tinham muita confiança nele. Nunca percebi muito bem isso, porque nunca me disseram exatamente porquê.

**Mas ele entrou na loja Liberdade Livre e o Carvalhão Gil até lhe pagou várias quotas já na loja Europa, onde os dois depois se encontraram. No processo dá a sensação**



**“Pois, acho que a PJ teve cuidado porque não convinha expor o Neiva da Cruz [diretor-geral do SIS]”**



**O currículo**

Durante o julgamento, Carvalhão Gil chegou a ser apontado como especialista em questões russas. O currículo oficial do SIS diz que isso é falso - trabalhou sempre em questões africanas e radicalismo islâmico



**“Eu quero a absolvição ou a repetição do julgamento. Mas eu prefiro a repetição, desde que seja feito por juizes honestos”**

de que a PJ também apurou parte disto quando fez a análise às suas contas bancárias, mas curiosamente na identificação dessa saída do dinheiro foi colocado no relatório pelos peritos da PJ que o dinheiro foi para pagar as quotas maçónicas de “Adélio Cruz”, o primeiro e último nome do diretor do SIS, nomes conjuntos pelos quais ninguém o conhece.

Sim, mas ele depois devolveu-me o dinheiro [risos].

**Curiosamente, outra testemunha do SIS que foi usada contra si, a Maria João Coelho, também foi iniciada há muitos anos na Grande Loja Feminina do GOL. Dizem-me que a madrinha foi a atual deputada municipal de Lisboa do PS, Alexandra Mota Torres. Confirma?**

É verdade, a Maria João Coelho é da maçonaria feminina. O resto não sei.

**Não propôs o Gil Vicente para a maçonaria?**

Não, não. Apesar de haver gente no SIS e da maçonaria que achasse que ele devia ser convidado. Mas eu nunca achei que ele preenchesse o perfil para ser maçom - em termos de valorização espiritual e sentimentos de fraternidade.

**E agora, o que é que vai fazer quando está na iminência de ir para a prisão?**

Vou continuar a lutar para conseguir provar a minha inocência. Só acredito na possibilidade de defesa no estrangeiro, no Tribunal Europeu dos Direitos do Homem [tem ainda um recurso no Supremo Tribunal de Justiça e ainda irá avançar outro para o Tribunal Constitucional]. Eu quero a absolvição ou a repetição do julgamento. Mas eu prefiro a repetição, desde que seja feito por juizes honestos. □